

# boaesporte aposta

A foto da nadadora norte-americana Lia Thomas, aparentemente isolada no pódio após tornar-se a primeira pessoa trans a conquistar um título da NCAA em todos os esportes da tradicional liga universitária americana, acalorou o debate sobre a inclusão de atletas trans em modalidades esportivas.

Lia foi campeã na categoria 500 jardas livres e, como de costume, opiniões sem fundamento inundaram as redes sociais. Mas afinal, existe paridade competitiva entre trans e cis? Segundo especialistas, a resposta é sim: a disputa é justa.

Créditos: Reprodução/Instagram Qual o lugar do trans no esporte? "Cria-se um drag, um fantasma, onde não deveria existir", afirma Alexandre Saadeh, coordenador do Ambulatório de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do IPq (Instituto de Psi Tj T\*

"A paridade é uma preocupação que não deveria existir."

Com a transição de gênero, o corpo se adequa. "No início, não há essa paridade, mas, após meses ou anos, vai depender de cada pessoa."

Quando isso se estabelece, não existe vantagem, não existe privilégio", completa Saadeh.

Lia iniciou a terapia de reposição hormonal no primeiro semestre de 2019 e realizou testes de testosterona por 36 meses. Segundo Eric Seger de Camargo, formado em Educação Física e mestre em Educação pela UFRGS (Universidade Federal do Rio

Grande Porto Alegre), a inclusão de atletas trans e cis carrega pressupostos ideológicos, e isso afeta a competitividade. A transição de gênero provoca uma transformação profunda.

Créditos: Scott Webb/Pexels Na imagem, uma mulher cis durante treino de força.

"Para homens trans, o período inicial da transição é parecido com uma puberdade de um cis", explica Seger.

"Dentro de um referencial cis, estes dados mostrariam uma equivalência com as referências cis."

Existem mudanças físicas que podem modificar parâmetros esportivos, mas isso também depende da experiência de treinamento de cada pessoa.